



FOLHA INFORMATIVA ESPECIAL Nº09-2010

MEMÓRIA DA TERRA E DO MAR

Os mais pobres dos pobres e o mais belo barco do mundo

Os mais pobres dos pobres, os heróicos pescadores portugueses dos litorais desertos da Beira Litoral — aqui dedicados, com coragem quase suicidária, à sua Arte de arrasto para terra (com o mais belo barco do mundo, em forma de meia-lua, nas desabrigadas costas do mar da Ria de Aveiro e da Figueira da Foz, até Leiria) —, merecem uma especial atenção e um profundo estudo histórico e antropológico (um estudo que, na Praia de Mira, nos orgulhamos de promover, através da Câmara Municipal de Mira e do Centro de Estudos do Mar - CEMAR).

Para esse efeito, pretendemos, para futuro, no local certo — na Praia de Mira que é o centro deste mundo —, criar uma instalação museológica e cultural: o nosso Museu da Memória da Terra e do Mar (MTM).



O estudo até agora levado a cabo evidencia, cada vez mais, a íntima identidade, a mobilidade e a interligação destes homens e mulheres, das suas artes, dos seus barcos e das

suas casas de madeira — sozinhos com Deus e o Mar —, nas suas praias desertas, como no princípio do mundo. E conclui-se que são sempre os mesmos homens e as mesmas mulheres... com as mesmas redes, barcos e palheiros, desde Ovar, Ílhavo e Mira até aos litorais da Figueira da Foz, Lavos e Vieira de Leiria para onde se expandiram no século XVIII (e, daí para Sul, já sem

os seus fabulosos barcos em forma de meia-lua, até mesmo para o interior das Rias de Lisboa e de Setúbal, para os pequenos mares interiores da foz do Tejo e da foz do Sado, onde deram origem aos célebres "Avieiros" e aos "Varinos", não menos anfíbios e marinheiros, e não menos pobres e livres, do que os seus antepassados do Norte).

Os mais pobres dos pobres — os pescadores... — desde Ovar/Furadouro e Aveiro/Ílhavo até Santarém/ Vila Franca de Xira, passando pela Praia de Mira, Foz do Mondego e Praia da Vieira, são, eles também — ou eles sobretudo...? — centrais, para a compreensão do que tem sido, secularmente, a verdadeira cultura e identidade nacional de Portugal.

E a verdade, insofismável, é que esta herança cultural marítima — dos pescadores, dos construtores tradicionais, das comunidades pobres de homens e mulheres da beira-mar — está a desaparecer, diante dos nossos olhos, nos séculos XX e XXI, nos nossos dias cada vez mais vertiginosamente, como aquilo a que o autor destas linhas, desde há muitos anos, tem chamado "neve diante do sol". Está a ser sacrificada no altar de um "progresso" que, afinal, tem sido simplesmente aculturação: estúpido desinteresse (socialmente complexado), e boçal ignorância (doutoral) perante todas as tradições genuínas e todos os saberes antigos. Um "progresso" que, afinal, tem sido, uma vez mais (ainda e sempre, como em tantas outras épocas anteriores da História de Portugal...), sinónimo de desleixo, desprezo e arrogância perante tudo o que cheira a povo e a sal e a pobreza.



Tantos e tantos (e, alguns, precisamente por virem da pobreza e da ignorância...?) não querem saber dos pobres para nada. E, muito menos, querem saber da Cultura dos pobres. Uma Cultura que, de resto, acham que eles não têm... Uma cultura que, simplesmente, julgam que

não existe... pois, para esses (tantos...!), “*Cultura*” significa somente aquilo que for cultivado pelas elites... e, quanto mais bizantino, mais esdrúxulo e mais abstruso, mais “cultural”... - e, já agora, se possível, com muitas palavras caras, e nomes desconhecidos (em latim ou em estrangeiro, para mostrar que se tem visão... num mundo de cegos...).

Quase ninguém verdadeiramente quer saber nada sobre esse “povo que lava no rio”... assim deixando transparecer, bem denunciadamente, quão dominantes são os sentimentos típicos das “elites” aculturadas, dos “intelectuais” e dos “novos-ricos” que querem rapidamente esquecer o ancinho e o remo (como se nem sequer soubessem o que isso é... e para que é que serve...).

Alfredo Pinheiro Marques,

Director do Centro de Estudos do Mar – CEMAR;

Coordenador do Museu da Terra e do Mar, de Mira.

NOTA: as fotos publicadas nesta Folha encontram-se expostas no Museu Etnográfico de Mira e são de autores desconhecidos.